

# **Apresentação da exposição individual Pinturas e Máscaras Galeria Saramenha, Rio de Janeiro, 1992**

## **Athos Bulcão: Rigor e Humor**

Roberto Pontual

### **I**

Athos Bulcão é um artista típico dessa segunda geração de modernistas que se alçou e se pronunciou no Brasil a partir do início dos anos 1940. Sua fala soube desde logo incorporar os elementos essenciais do modernismo aqui em sedimentação após os instantes precursores simbolizados no gesto federador e heroico da Semana de Arte Moderna. Entre tais elementos, esteve, em primeiro plano, a crença persistente na utopia da síntese das artes, que a renovação profunda da arquitetura brasileira detonada na década de 1930 ajudou a implantar.

Assim, sua frequência com Oscar Niemeyer, em 1943, e com Cândido Portinari, em 1945 – ligada, em ambos os casos, a trabalhos de revestimentos de prédios públicos com azulejos, em Belo Horizonte: o Teatro Municipal e a Igreja da Pampulha –, encaminhou o jovem carioca no sentido de uma obra que não buscasse isolar-se na exclusividade de uma técnica única e de um único e inabalável suporte. Atraído pela mística da multiplicação de ensaios, apoiado na estratégia da mão que é hábil o bastante para elaborar em distintas direções e convencido da excelência do vaivém estilístico, sem rigidez messiânica, ele se lançou decididamente na produção por vias multiformes, mas todas elas voltadas para um eixo central, sintetizador. Daí, no que lhe concerne, essa impressão de obra operística, que a tudo convoca para chegar a concretizar-se. O gosto pela ópera, aliás, veio-lhe muito cedo, da irmã que estudava canto. E ficou para sempre, na medula da sua linguagem plástica. Questão que se decide na fonte.

Quanto prazer por testar a diversidade e colocar-se em situação de mudança, ao longo de todo um meio século de labuta! De 1940 para cá, o incansável (ainda que preferencialmente silencioso) Athos não parou de acumular a experiência da metamorfose em áreas de expressão diferenciadas: o desenho e a pintura como base, sem dúvida, porém, igualmente, numa sucessão de fases, períodos e propostas, a fotomontagem, a ilustração de livros e revistas, a cenografia, a azulejaria e a criação de relevos em espaço mural. Sem esquecer os seis anos (1963 a 1965 e 1988 a 1990) como professor da Universidade de Brasília. Caminhos e caminhada privilegiando a aventura da inquietação.

Brasília: a escolha da capital novinha em folha para residir e trabalhar foi certamente providencial – certeza do que se é e descoberta do que se quer. Em primeiro lugar, vibrava recente nela, como um milagre improvável, a realização de uma arquitetura em estado de graça, aberta à partilha dos artistas. A prova é que Athos Bulcão deixou e

continua deixando, na cidade-laboratório, a marca frequente de seu feliz encontro com ela: o Teatro Nacional, o Palácio dos Arcos, o Panteão da Liberdade, entre outros, confirmam que, para o artista ali fixado antes mesmo da sua inauguração oficial, a obra oferecida ao cotidiano de todos é um sonho possível de alcançar. O acordo do diminuto e do monumental, da mão e da máquina, do íntimo e do público, fez-se ordenado e flexível em cada um dos painéis que ele teve a oportunidade de concretizar na cidade.

Mas Brasília lhe serviu também de abrigo. Por definição retraído, avesso ao burburinho dos grandes centros urbanos, onde impera a lei da exuberância, ele detectou o paraíso de um oásis no deserto do centro do país. A capital certamente cresceu, inchou e transbordou mesmo, de então até hoje, conservando, porém, uma atmosfera de isolamento que convém à alma desse artista arredio. Não se cobra dele, naquelas paragens, com a insistência que o cercaria estando no Rio ou em São Paulo, uma presença de todo instante na arena das galerias e museus. Permite-se a ele um relativo silêncio, de que, aliás, usou vastamente entre 1949 e 1967 – período durante o qual preferiu eximir-se de mostrar o seu trabalho em público.

Solitude que não prejudicou, apenas retardou um pouco, o justo reconhecimento de que ele finalmente goza como uma das figuras tutelares da modernidade no Brasil. Estudar o desdobramento, longo e múltiplo, de sua obra é encontrar respostas para configurar e balizar uma conduta estética característica do amadurecimento das opções modernistas no Brasil, desde que se assegurou o abandono da herança do século XIX. Athos é fruto e protagonista desse descompromisso com o passado e desse impulso para o novo que tomou conta da arte brasileira desde o grito primal da corajosa Anita Malfatti.

## II

Consideramos, então, os seus procedimentos. Já anotamos, como premissa, a predileção que define pela multiplicidade de material e de suportes: este é o seu ponto de partida, a sua marca primeira e maior. Nele, no entanto, age igualmente, como contraponto, a componente centrípeta na dualidade construção/implosão, que lhe proporciona em espaço preciso de trabalho e de linguagem, situado sempre entre dois pólos. Quero dizer: se diversidade há, evidente, nos meios por ele empregados, há ainda simultaneamente a concentração expressiva necessária para que, do múltiplo, o artista alcance o uno. De um lado, tudo é passível de utilização: o papel, o lápis, a tela, a tinta, a cerâmica, o cimento, o mármore, o gesso, a massa de modelar, e mais e mais ainda; do outro, nada merece a dispersão: com rigor e com humor – e imperativamente com ambos –, ele arma sua fala.

Neste sentido, já lhe é bom augúrio a sonoridade do próprio nome. Tudo o que comparece na obra de Athos Bulcão pulsa previamente nos tantos contrastes que o nomeiam como pessoa. Athos, com as suas vogais cristalinas, é ar e água avançando juntos rumo ao alto e ao claro, na lógica da depuração que sinaliza o espírito aliviado de pesos indevidos; Bulcão, ao contrário, pela febre de seus sons subterrâneos – tão óbvio o vulcão em que ele logo se transforma –, convoca às bodas da terra e do fogo, remete às trevas do embaixo, impõe a tortura da paixão à certeza do rigor. Predisposto assim ao

ir-e-vir entre as delícias do liso e os perigos do áspero, nosso artista colhe os frutos da fertilidade que um acordo de opostos bem administrado sempre assegura.

Em consequência, sua obra é, constantemente e concomitantemente, solta e construída, alegre e contida, sinuosa e retilínea. Ela amalgama o orgânico e o inorgânico, pondo em conluio a víscera e a pedra, a paisagem e a arquitetura. Tome-se, por exemplo, a série das “Máscaras”, esses relevos policromados que ele vem realizando desde 1974. Se a aparência inaugural deles, devido à figura e à textura, é de pertencimento à área da combustão – como um magma –, o arranjo dos elementos postos em jogo desemboca, no quadro final, em uma organização cuidadosa, em que o rigor se impõe como voz definitiva no conjunto. Dentro, corre o ricto do humor ou do grito; fora, acende-se o silêncio da disciplina e do controle. As máscaras nunca deixaram de ser precisamente isto: um muro entre dois mundos.

E assim é cada obra sua, de qualquer formulação e etapa. Justo encontro de geometria e fantasia, como se a arquitetura de que uma a uma é nutrida não pudesse dispensar, sob pena de esvaziamento ou desastre, o contributo do riso manso, a contradança da suave desordem. Com Athos Bulcão, estamos onde as duas margens do rio se anulam em benefício do esplendor do próprio rio, de maneira a que tudo se manifeste por equilíbrio após se ter originado na oposição.